



Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede Record

Georgetown- Guiana, 26 de novembro de 2010

Veiculada em 12 de dezembro de 2010

Jornalista: Oito anos no poder, quase três mil dias à frente da Presidência da República. Eu, claro, poderia passar horas conversando com o presidente Lula sobre os momentos mais marcantes, as grandes vitórias, os momentos de crise, mas, Presidente, já me falaram que a agenda está cheia. Então, eu separei aqui para a gente conversar sobre oito momentos: vamos falar do Lula em oito tempos?

Presidente: O que você quiser.

Jornalista: Então, vamos lá. Vamos começar falando do operário, o operário que chegou ao Palácio do Planalto, dia 1º de janeiro de 2003. Oito anos depois, Presidente, que lembrança ficou daquele dia?

Presidente: A lembrança que ficou daquele dia é que, depois que eu ganhei as eleições, obviamente que eu fiquei assustado. Há um tempo de maturação entre você ganhar e você se dar conta de que você ganhou, porque aí, quando você ganha, tem o primeiro momento, que é festa, que é alegria e tudo, e depois você começa a estudar os problemas do Brasil, quais as soluções que você vai dar, a montagem de equipe, a articulação política. E eu confesso que, muitas vezes, nas primeiras semanas, deitados na cama, eu e Marisa, ficávamos de barriga para cima pensando: será que sou eu que estou aqui mesmo? Será que eu vou dar conta desse negócio todo?



Jornalista: Até hoje você se lembra disso?

Presidente: Até hoje eu me lembro.

Jornalista: Dessa sensação de incredulidade?

Presidente: Ah, eu me lembro, me lembro, porque é uma sensação que dá até um pouco de angústia. De repente, eu era Presidente do Brasil, e, de repente... e eu tinha, na cabeça, discursos de muitos amigos meus, discursos de muitos economistas importantes que diziam que não tinha jeito, que o Brasil estava quebrado. Eu falei: Meu Deus do céu, se este país está quebrado, o que eu vou fazer?

Jornalista: “O que eu estou fazendo aqui?”

Presidente: Aí, eu também tinha uma coisa, Adriana: eu sabia que eu não podia errar. Eu tinha uma convicção, com a fé que eu tenho em Deus, eu dizia assim: Se eu errar, nunca mais um trabalhador vai poder pleitear a Presidência da República. Eu preciso fazer, eu preciso fazer; quer queira, quer não, eu tenho que fazer; e, graças a Deus, termino.

Jornalista: O senhor chegou lá, Presidente, como um ponto de interrogação, uma dúvida para muita gente no mundo todo. Agora, o que o senhor tem vontade de dizer para quem duvidou de que o senhor seria capaz?

Presidente: Eu não preciso dizer hoje; hoje eles é que dizem para mim. Eu lembro de uma fala do presidente Lagos, do Chile. Passado uns seis meses do governo, ele dizia assim para mim: “Se eu soubesse que o Lula iria fazer, no



Brasil, o que ele está fazendo, eu não teria feito o acordo com os Estados Unidos.”. Então, é uma coisa importante, porque, primeiro, ele confessou que tinha preocupação comigo – como tinha muita gente, interna e externamente. Segundo, nós agimos com a maior seriedade possível. Como eu sempre achei que na economia não existia mágica, e eu tinha sido vítima de tantos planos colocados em prática neste Brasil, que não deram certo – o Plano Bresser, o Plano Collor, o Plano Verão, o plano não sei das quantas – eu dizia: Nós não temos que ter plano, nós temos que ter seriedade e previsibilidade. As pessoas têm de saber o que vai acontecer neste país, a cada dia e a cada hora. E foi isso que permitiu que hoje as pessoas respeitem o Brasil, e o Brasil é um país, possivelmente, mais bem conceituado do ponto de vista do seu ordenamento econômico.

Jornalista: Segundo tempo, Presidente. Vamos falar do homem que combateu a miséria e a fome. Presidente, quando o senhor chegou, quando o senhor foi eleito, o senhor disse que o senhor conheceu a fome de perto e que, por isso, não ia sossegar enquanto os brasileiros não tivessem todas as refeições que precisam diariamente. O senhor sai agora com a sensação de dever cumprido?

Presidente: Eu saio, eu saio com a sensação de dever cumprido, sabendo que ainda tem muita coisa para ser feita, porque as pessoas não querem apenas comer, as pessoas querem comer, querem ter acesso à cultura, ao lazer, querem ter acesso a uma progressividade na sua ascensão social. E eu acho que nós já fizemos muito, ou seja, a base está alicerçada, e eu estou convencido de que, daqui para frente, vão acontecer muito mais coisas e de forma muito mais rápida.

Eu, no meu discurso de posse, eu disse: Se ao terminar o meu mandato, cada brasileiro estiver tomando café, almoçando e jantando, eu estarei realizado. E eu acho que nós conseguimos isso.



Jornalista: Agora, Presidente, ainda são 20 milhões de pessoas na pobreza. Aquele menino Lula, que correu atrás de um pau de arara para fugir da seca, fugir da fome, hoje ele estaria satisfeito com o presidente Lula? O senhor fez tudo que podia?

Presidente: Eu acho que eu fiz tudo que era possível fazer. Mas certamente, quando eu deixar a Presidência da República e depois de fazer um processo de limpeza na minha cabeça, ou seja, “desencarnar” totalmente da Presidência, e começar a estudar, porque eu estou trabalhando em muitas coisas que nós fizemos, eu quero que tenha uma fotografia real, possivelmente eu comece a me dar conta de que nós poderíamos ter feito mais coisas que não fizemos. Mas a vida é assim mesmo. Muitas vezes, você descobre que tem coisas para fazer quando você já não pode mais fazer. Por isso que eu defendi a importância de eleger a sucessora. É para que houvesse continuidade na política e um aprimoramento na política, isso é muito importante. Mas, eu, sinceramente, saio de cabeça erguida, saio com a convicção de que não houve, em nenhum momento, alguém mais honesto com o povo brasileiro e mais comprometido com esse povo do que eu. Pode ter igual; mais, não tem, porque eu vivi cada momento com esse povo... Aprendi na minha vida cada momento... Me conta uma coisa de sofrimento que alguém passou hoje, que eu já passei.

Então, é isso que me dá tranquilidade de saber: Nós fizemos muito, mas ainda falta muito a fazer, porque foram dezenas – ou séculos – de abandono de uma parte da sociedade brasileira. Agora, você há de convir que você tirar vinte e poucos milhões de pessoas da pobreza e levar 36 milhões de brasileiros à classe média não é pouca coisa. Ou seja, é uma revolução que aconteceu em oito anos, coisa que não aconteceu em outros países em que aconteceram revoluções de verdade, em um curto espaço de tempo. Fazer isso



em um regime democrático, articulando com o Congresso Nacional, ouvindo a imprensa, que, às vezes, era mais crítica do que neutra, com o sindicato reivindicando que é a coisa gostosa... Ou seja, é fazer isso com a democracia, fazer isso discutindo, fazer isso brigando, fazer isso da forma mais democrática possível. Então, eu sou um homem realizado. Sinceramente, eu sou um homem realizado e saio do Brasil [da Presidência] de cabeça erguida, sabendo que ainda precisa fazer muita coisa, e eu não fiz tudo.

Jornalista: Sair do Brasil, não, da Presidência.

Presidente: Da Presidência.

Jornalista: Presidente, eu queria falar com o senhor agora sobre uma marca que, dificilmente, um outro presidente vai roubar do senhor. Sabe qual é? Vamos falar do presidente que quebrou protocolos. Presidente, quando a gente vasculha os arquivos, a gente encontra cada frase! O senhor falou ditados populares, o senhor fez analogias com o futebol, o senhor foi para o discurso de um presidente suando, falou perto do povo. Muitos falaram: “É *marketing*, ele é um marqueteiro”. Era *marketing* ou é o jeito Lula de ser?

Presidente: É o meu jeito de ser. Veja, eu sei que eu dei problema para o meu pessoal de protocolo, eu sei que eu dei problema para o meu pessoal da segurança. Eles ficavam horrorizados quando eu terminava, saía do palanque e descia lá para abraçar o povo; eles ficavam preocupados quando eu levava sem-teto para dentro do Palácio, quando eu levei os portadores de deficiência visual com os seus cães-guia, quando eu levava as minorias lá dentro, quando eu levava os sem-teto, eles ficavam apavorados.

Veja, mas eu tinha uma consciência, Adriana, que era o seguinte: eu sabia de onde eu tinha vindo, eu sabia da minha origem e eu sabia para onde



eu vou voltar. Eu vou voltar para o meio desse povo, eu vou voltar a morar a 600 metros do sindicato que me criou na política. Eu vou estar a mil metros ou a 1.500 metros da fábrica que me projetou. Esse é o meu mundo, eu não era presidente, eu estava presidente, eu estava cumprindo uma função. Eu tinha clareza de que eu estava cumprindo uma função que tinha prazo para entrar e prazo para sair. Agora, eu tinha que preservar a minha relação com a sociedade, abraçar uma pessoa, beijar uma pessoa. Por que eu utilizava muito o futebol? Porque era uma coisa que todo mundo entendia e todo mundo entende. Muitas vezes, eu vejo as pessoas falando difícil, nos jornais, o povo não entende, dependendo da palavra que você fala, o povo não entende, ou seja, é como se você tivesse falando chinês para ele.

Então, quando eu faço comparação com o futebol, quando eu faço comparação com alguma coisa do mundo do povo, eu sei que todo mundo está compreendendo. E eu não vou abandonar isso, eu não vou abandonar, porque, o que é a comunicação, na verdade? A comunicação é, ao você abrir a boca, alguém compreender o que você está falando.

Então, eu me sinto muito à vontade, acho que eu provei uma coisa: o Palácio do presidente da República não é apenas para rei, para rainha, para príncipe, para presidente ou para banqueiro, ou para grande empresário, é para tudo isso, mas é também para os sem-teto, é também para os trabalhadores rurais, é também para os homossexuais, é também para todos que são brasileiros e que aqui vivem, nessa terra, trabalhando nessa terra.

Então, eu vou ser assim, você vai ver que eu vou continuar igualzinho. Se um dia você encontrar comigo, você vai ver que eu estou agindo igualzinho eu agia antes de ser Presidente e depois de ser Presidente. Qual é a diferença? É que, muitas vezes, eu tinha que estar de terno e gravata, essa é a única diferença. Mas o meu sentimento, o meu olhar, a minha relação, estender a mão para uma pessoa, abraçar uma pessoa, para mim é uma coisa sagrada, porque eu acho que relação humana e relação política é uma coisa química, ou



seja, as pessoas têm que se ver e se entender, se olhar no olho e se compreender.

Por isso é que eu não abro mão disso, esse é o meu jeito. Esse negócio de um presidente fazer um discurso, sair correndo, não cumprimentar as pessoas, não me peçam para sair correndo de um palanque, eu jamais sairei.

Jornalista: Não é com o senhor.

Presidente: Até porque eu não tenho, não tenho preocupação. Eu não estou fazendo nada de errado, tudo o que eu faço, eu faço com a maior boa vontade. Se não deu certo, é melhor explicar para o povo que não deu certo, enfrentar a realidade.

Eu tenho dito para a companheira Dilma, tenho dito para muitos companheiros: “Olhem, na dificuldade, se culpem, na dúvida, se culpem. Nunca tenham medo do povo, mesmo que seja a maior adversidade possível, vá para o lado do povo. Ele tem o direito de nos criticar, ele tem o direito de nos xingar, ele tem o direito de nos vaiar, mas eles significam a única razão pela qual a gente briga tanto para chegar a um cargo”.

Jornalista: Agora, Presidente, com esse seu jeito de falar, alguma vez o senhor mordeu a língua, falou assim: “Hum, falei demais, falei bobagem?”.

Presidente: Ah, muitas vezes. Muitas vezes, porque você vai ficando empolgado. Quando você transforma tudo o que você vai fazer em emoção... E eu acho que nós, seres humanos, somos 88% emoção e 12% razão. Ou seja, eu sou um homem muito sentimental. Eu choro com muita facilidade, choro, choro com muita facilidade, eu choro até lendo jornal, se for o caso, ou seja, até quando fala mal de mil eu até choro ali, não é?

Mas eu acho que às vezes a gente vai se empolgando e vai falando, e



vai falando coisas que depois fala: Eu poderia não ter falado isso, eu poderia... essa palavra não foi bem dita e tal.

Jornalista: Já foi.

Presidente: Mas já foi, mas é assim mesmo, não tem jeito.

Jornalista: Antes de passar para o próximo tópico, eu queria lembrar dois momentos rapidamente, Presidente. Uma frase, falando, parece, com corintianos, o senhor disse assim: "Vocês não sabem o que é uma urucubaca". Teve muita urucubaca, Presidente?

Presidente: Teve, teve. Não, urucubaca é aquele cara... é aquele cara que vive torcendo para a coisa não dar certo, aquele cara mal humorado, aquele cara, aquele cara, sabe... Sabe aquele cara que levanta azedo, torcendo para não dar certo? Aquele cara que não fala bom dia para a mulher, aquele cara que não fala bom dia para o amigo, aquele cara que reclama de tudo, aquele cara que torce para dar tudo certo [errado], aquele cara que não acredita em nada? Então, eu falo: tem muita urucubaca, muita gente torcendo contra o Corinthians, não é possível.

Jornalista: E contra o governo (incompreensível)?

Presidente: E contra o governo, mas nem me fala, menina, nem me fala, nem me fala. Eu, hoje, hoje, depois de vencê-los três vezes, eu, eu fico pensando: como foi bom eu ter paciência. Porque possivelmente tudo que alguém queria era que eu ficasse nervoso, que eu... E eu optei por ter paciência. Eu dizia o seguinte: essa mesma gente levou o Getúlio à morte, essa mesma gente disse que o Juscelino não podia disputar, se disputasse não podia ganhar, se



ganhasse não podia tomar posse, se tomasse posse tinha que tirá-lo. Essa mesma gente não deixou a Constituição ser cumprida quando o Jânio renunciou e o João Goulart estava na China e tinha que voltar. Criaram o parlamentarismo para poder aceitar o João Goulart e, depois, derrubaram ele. Eu dizia: Comigo não vai ser assim. Eu não vou me matar, eles não vão me tirar e eu não vou renunciar. Eles vão ter que vir brigar comigo na rua.

Jornalista: Essa gente, Presidente, o senhor está falando de quem?

Presidente: Eu estou falando de uma parte da elite brasileira, da elite política brasileira, que não se conforma com a democracia, que não se conforma com o diferente, que é preconceituosa, que não gosta de pobre, que não gosta de negro, que não gosta... que não gosta do exercício da democracia.

Jornalista: O fato de o senhor ter chegado ao poder e ser o presidente, por exemplo, que fez uma festa junina para comemorar um aniversário de casamento, que colocou a caixa de isopor nas costas, quando estava descansando, o senhor acha que isso, de alguma forma, alimentou esse preconceito? Eles não aceitavam que uma pessoa popular pudesse chegar onde chegou?

Presidente: Eu acho, eu acho, veja, é uma minoria. A maioria do povo brasileiro é extraordinária, porque a maioria do povo brasileiro elegeu um metalúrgico duas vezes e agora elegeu uma mulher. Ou seja, é uma minoria, é uma minoria que faz parte da elite que domina o país há muito tempo, sabe, são as famílias tradicionais que não querem que mude nada, é o preconceito pelo preconceito. Aquele gesto de carregar o isopor, sabe? Eu tinha pedido para um companheiro levar o isopor, aí ele falou assim... pegou o telefone e ligou para outro vir buscar, eu falei: “Por que você não pega? Vai te diminuir?”



“Não, eu tenho que pôr na cabeça”. Eu falei: “Eu vou carregar e você vai perceber que eu vou continuar sendo o presidente quando eu chegar lá”. E pus na cabeça, levei, entreguei, e falei: “Está aqui, sou o mesmo homem”.

Então, as pessoas às vezes ficam incomodada porque eu levanto e vou pegar uma cadeira, eu mesmo puxo a minha cadeira, eu mesmo levo a cadeira, não tem que ficar pedindo para as pessoas fazerem, eu não sou aleijado, eu não nasci assim, sabe? Então, eu sei da liturgia do cargo, mas eu não sou escravo dela.

Jornalista: Agora, Presidente, esse preconceito doeu? E o senhor inclui nele parte da imprensa?

Presidente: Olha, ele doeu, doeu. Eu sofri muito mais quando eu era menor, quando... Mas ele... Eu tenho pena, porque eu acho que o preconceituoso deveria ser internado e ser tratado, porque é uma doença, sabe? É uma doença porque eu acho que teve setores da imprensa que... o preconceito não é contra mim, o preconceito é contra muito mais gente, ou seja, eu encarnei porque eu sou o Presidente.

Mas, aí, eu, ao invés de ficar chorando, eu também aprendi na vida, Adriana, que eu nunca tinha que ficar chorando, sabe? É o seguinte: tais pessoas não gostam de mim? Tais pessoas querem fazer coisas contra mim? Pois bem, eu vou derrotá-los, eu vou derrotá-los, eu vou trabalhar mais do que eles, vou vencê-los, sabe? A minha vingança não vai ser ficar choramingando, a minha vingança vai ser derrotá-los, e eu fiz isso.

Jornalista: Quarto tema, Presidente...

Presidente: Você quer ver uma coisa, não vamos para o quarto tema, você quer ver uma coisa mais gloriosa? Você imagina o cidadão que há quarenta



anos torturou a Dilma. Você imagina se esse cidadão estiver vivo, ou seja, naquele tempo ele falou: “Bom, eu vou torturar essa mulher aqui, essa menina, ela tem 20 anos, ela vai ter que aprender. Ela nunca mais vai se meter na política”. Quarenta anos depois, aquela menina que ele pensou que tinha aniquilado é Presidenta da República do Brasil. E ele deve estar, por dentro, tomando choques muito mais fortes do que ela tomou.

Jornalista: Ele pode ter tomado até mais forte, não é?

Presidente: Claro. Então, eu acho que essas coisas é que são importantes. Ao invés da mágoa, do ressentimento ou do ódio, trabalho, trabalho, e eu trato todo mundo bem, Adriana. Faço questão de tratar todo mundo bem, porque eu gosto de respeitar para ser respeitado. Muitas vezes, eu olho na cara, eu sei quem gosta de mim, quem não gosta de mim, mas eu trato todos iguais. Ninguém, ninguém irá falar de mim que eu o destratei, não, não. Eu aprendi: educação a gente não aprende na universidade, educação vem de berço. Isso eu aprendi muito.

Jornalista: Quarto tempo, então?

Presidente: Quarto tempo.

Jornalista: Então, Presidente, quarto tempo agora. Vamos falar do presidente Lula na hora da crise. Presidente, o mensalão. Quando o senhor faz uma autocrítica com relação ao que aconteceu, o mensalão é a mancha do seu governo?

Presidente: Eu acho que o mensalão ainda vai ter muita coisa para ser dita. Primeiro, porque eu tenho muitas dúvidas de acreditar que houve mensalão. Eu



tenho dito que, depois que eu deixar a Presidência, eu quero reler algumas coisas que foram escritas sobre aquele tema. Eu quero ter acesso a partes dos processos que foram (incompreensível), porque tem uma coisa que me deixa indignado nessa história do mensalão. Tudo começou com um cidadão dos Correios que estava recebendo R\$ 3 mil, tudo começou assim. Daqueles R\$ 3 mil, que envolviam um cidadão do PTB, quem dirigia e o Correio era o PMDB. Transforma-se num mensalão contra o PT. Eu quero, eu quero voltar à história para saber em que momento isso aconteceu. Ao mesmo tempo, quando a Câmara dos Deputados vai votar, a cassação do Roberto Jefferson se deu pelo fato de ele não ter provado a acusação que ele tinha feito, do mensalão. Ora, se o acusador não provou, ou seja, como é que o acusado pode ser condenado?

Jornalista: Mas tirando a polêmica do termo, Presidente, “mensalão”, houve repasse de dinheiro para a base aliada.

Presidente: Veja, veja, então discuta se houve um crime eleitoral, discuta qualquer outra coisa, mas não discuta a corrupção, tal como foi colocada. Veja, como eu não me dediquei a estudar isso, como presidente da República, não era o meu papel, o papel é da polícia e da Justiça, quando eu não for mais presidente, eu quero me inteirar. Porque eu não posso conceber a ideia de que o PT estava comprando um deputado seu para votar nas coisas do PT, eu não posso, ou seja, é uma coisa tão irracional que eu não posso acreditar. É uma coisa de louco, para mim é uma loucura isso.

Então, eu, com muita tranquilidade... Foi o momento mais difícil, porque os setores conservadores da política brasileira achavam que eu estava sangrando tanto que eu não ia mais sobreviver.

Jornalista: Falaram até em *impeachment* (incompreensível).



Presidente: Falaram, falaram. Veja, quando... Uma vez eu disse ao presidente Sarney: “Presidente Sarney, eu aceito tudo na política. Agora, diga ao pessoal lá dentro do Senado que se tentarem dar um passo além da institucionalidade, vão que me enfrentar na rua”.

Jornalista: O senhor não teve medo *do impeachment*?

Presidente: Não, não tive medo.

Jornalista: Em nenhum momento?

Presidente: Não tive medo porque eu decidi, em junho de 2005, ir para a rua. Eu fui lançar o Plano Safra da Agricultura Familiar em Garanhuns. E a partir de lá, eu falei: “Quem quiser me derrotar vai ter que ir para a rua competir comigo. E essas pessoas não têm noção do que pode acontecer neste país se eles tentarem mexer no resultado da democracia, tentando dar golpe. Já deram contra o Getúlio, já tentaram dar contra o Juscelino, já deram contra o João Goulart, mas comigo não vão dar”.

Bem, o que aconteceu é que depois da crise veio a bonança, ou seja, depois da crise eles devem ter ficado atônitos, como é que podia, logo em seguida, o Lula ter recuperado tantos pontos nas pesquisas de opinião pública. Sabe por que, Adriana? É porque as coisas que nós estávamos plantando, que setores da imprensa não queriam ver e que os meus adversários não queriam ver, começaram a brotar, e o povo estava vendo.

Você está lembrada que eu dizia o seguinte: olha, política a gente faz assim, é como se você tivesse plantando um pé de jabuticaba. Se ela for bem plantada, se ela for enxertada, ela dá rápido, mas se ela não for, demora anos e anos para dar. Então, o cidadão que planta não pode ficar o dia inteiro



esperando ela nascer, tem que plantar, aguar, regar e colher depois, e foi o que nós fizemos. E eles ficaram atônitos, porque eles imaginavam que eu estava acabado com a política, que eu tinha sangrado demais, que nem transfusão de sangue me salvava e, de repente, faz a pesquisa, quem é que está crescendo? É o governo e é o Lula. Então, isso deixou eles meio atônitos, ou seja... Bem, aí eu acho que nós demos a volta por cima, nós afastamos quem tinha que afastar do governo, porque é importante afastar politicamente, e tocamos o barco para frente e, graças a Deus, esse barco chegou aonde nós queríamos que ele chegasse.

Jornalista: Quinto tema, Presidente: “O Lula internacional, Lula modelo exportação”. Eu separei, Presidente, dois momentos: uma crítica pesada e um elogio muito grande. Vamos começar pelo elogio. O presidente Barack Obama disse: “Ele é o cara”, e “o cara” era o senhor. O senhor se sente “o cara”? O senhor é “o cara”?

Presidente: Não, aquilo foi um gesto de gentileza do Obama. O Obama, você sabe, é muito jovem, ou seja, o Obama é um jovem, eu diria que até, pela pouca idade, ele tem pouca experiência política, ou seja, ele foi senador, deputado e presidente da República. Então, ele estava muito simpático. Achei que foi um gesto de gentileza dele. Ele só falou que eu era “o cara” porque ele não conhecia o povo brasileiro. No dia em que ele conhecer, ele vai dizer: “Ah, o Lula só era ‘o cara’ porque ele tem aqui 190 milhões de ‘caras’”.

Jornalista: Ficou envaidecido, de alguma forma?

Presidente: Ah, fiquei, obviamente que você fica envaidecido. Mas, de qualquer forma, eu acho que foi um gesto de gentileza do Obama.



Jornalista: Agora, o senhor considera que sai do governo como um líder mundial? Permanecerá no cenário das grandes discussões?

Presidente: Deixa eu te dizer uma coisa, Adriana, esse negócio de líder, e essa palavra “líder” é um pouco confusa. Veja, você não é líder se você não tem liderado. Eu acho que eu saio, e o Brasil sai respeitado, eu acho que nós saímos respeitados. Porque apenas, apenas... em 2003, quando eu vinha voltando de Evian com o Celso Amorim, eu disse para o Celso: “Ô Celso, nós precisamos mudar a geografia mundial, a geografia comercial e a geografia política, é preciso comprar uma briga, não pode ser assim”.

Logo depois, eu fui convidado para o G-8, lá em Evian, o Chirac convidou. Ali aconteceram duas coisas importantes para mim. A primeira foi uma cena, em que nós estávamos todos sentados, faltava chegar o Bush. Quando o Bush chega, todo mundo levanta, e eu falei para o Celso: “Nós não vamos levantar, vamos ficar sentados”. Estava eu, o Celso e o Kofi Annan. O Kofi Annan até queria levantar, mas não levantou, também. E por que eu não levantei? Porque ninguém levantou quando eu cheguei, porque eu tenho que levantar para o Bush? E o Bush cumprimenta todo mundo, vai à minha mesa, me cumprimenta, cumprimenta o Celso, cumprimenta o Kofi Annan. Ou seja, o que eu queria provar? Ninguém precisa ser subserviente para ser respeitado. Aliás, as pessoas não respeitam quem é subserviente, lambe-botas, ninguém gosta de lambe-botas, sabe? Você sendo honesto e sério, você é mais respeitado.

Quando começou a reunião, veja, eu estava em uma sala em que não tinha um intérprete, não tinha ninguém perto de mim. E eu sabia que o único jeito de eu me comunicar com as pessoas era com...

Jornalista: O fone da tradução simultânea.



Presidente: Aquele fone para tradução. E estava lá o Bush, o Koizumi, do Japão, o Tony Blair, Chirac, o Prodi, ou seja, ninguém entendia nada, eu não entendi nada ali. Aí eu comecei a me dar conta, começou a me cair uma ficha, que é o seguinte: “Espera aí, por que eu estou aqui? Eu, outro dia, vi esses caras na televisão, eram tão distantes de mim, e eu estou aqui”. E eu comecei a me encher de orgulho e dizer: “Espera aí, nenhum deles veio de onde eu vim. Nenhum deles conhece o mundo que eu conheço. Nenhum deles passou pelo que eu passei. Então, eu vou me encher de orgulho aqui, e quando eu abrir a boca aqui, eu estou falando em nome de milhões de pessoas que eles nunca chegaram perto”. E aí, eu acho que essa... Sabe essa coisa de falar assim: “Eu sou mais eu”?

Jornalista: Eu também posso.

Presidente: Eu também posso. Foi isso, me deu um orgulho tão grande. Bom, e depois, Adriana, eu tenho um jeito de me relacionar politicamente. Eu gosto de abraçar as pessoas, eu gosto de ficar pegando na mão das pessoas, eu gosto... Eu acho que assim é uma... tem uma química entre os seres humanos.

Então, eu sou um homem que fiz muita amizade. Muita amizade com muito respeito, e respeito todo mundo, gosto de todo mundo. Eu saio da Presidência deixando amigos muito, mas muito grandes, no mundo inteiro. Sabe, o Bush foi um homem que respeitou muito o Brasil, o Chirac foi um homem que respeitou muito o Brasil, o Tony Blair foi um homem que respeitou muito o Brasil, o Gordon Brown foi um homem que me ajudou muito quando era ministro da Fazenda, quando era ministro de Finanças da Inglaterra. O Koehler, que foi presidente do FMI, em Paris eu fui conversar com o Koehler e comecei a conversar, ele começou a chorar. Agora mesmo, na Alemanha, quando ele era presidente da Alemanha, eu fiz um discurso lá e ele quase chorou. Porque eu percebi que o ser humano é isso, o ser humano é um poço



de emoção. Então, as pessoas têm que sentir que você não está conversando com elas por interesse. Você pode gostar das pessoas porque você quer gostar das pessoas.

E é tão bom, Adriana, é tão bom ser bom. Você sofre tão pouco, você sendo bom. Eu aprendi que a gente não pode ter raiva de ninguém, porque quando a gente tem raiva de alguém, quem sofre é a gente. Às vezes, a pessoa nem sabe que você tem raiva.

Jornalista: Então, agora, eu quero falar de um momento que talvez o senhor tenha ficado com raiva. Foi aquela crítica do The New York Times, quando o repórter publicou que o senhor bebia demais. Foi um exagero do repórter mas também do senhor, que queria expulsá-lo do Brasil?

Presidente: Foi uma mentira do repórter. Foi uma sacanagem.

Jornalista: Deu raiva?

Presidente: Eu duvido... Eu fiquei, fiquei com raiva. Sabe por quê? Porque alguns setores da imprensa brasileira há muitos anos estavam tentando provar que eu bebia.

Jornalista: Alimentaram isso?

Presidente: Veja, aí coincide que um cara do New York Times, sem nunca ter tomado um café comigo, sem nunca ter tomado um copo de cerveja comigo, sem nunca ter ficado em um balcão comigo, sem nunca ter ficado 30 segundos comigo, resolve escrever uma matéria. Eu fiquei muito nervoso, fiquei nervoso, acho que foi uma falta de respeito. Eu digo para todo mundo: eu duvido que alguém do PT, duvido que alguém da imprensa... digo “duvido”, a palavra é



“duvido”. Digo que duvido que alguém do sindicato, duvido que alguém do governo, alguma vez, tenha me visto bêbado. Duvido. A última vez que eu bebi – e falo para todo mundo, com tristeza – foi quando o Brasil perdeu da Holanda, em 1974. Nós tínhamos comprado bebida no Sindicato, foi a primeira vez que eu tinha visto televisão em cores, foi a primeira vez que eu vi televisão em cores, e a gente tinha comprado... Naquele tempo a bebida era menos chique, era conhaque Dreher, era cachaça, era cerveja, porque todo mundo achava que o Brasil ia dar um banho na Holanda. De repente, aquela máquina poderosa deu um banho no Brasil, ganhou de 2 x 1 e, aí, nós ficamos, ficamos, ficamos sem saber o que fazer, começamos a querer procurar culpado e começamos a beber a bebida que era para beber na vitória.

Jornalista: Para afogar as mágoas?

Presidente: Eu tinha sabe quanto tempo de casado? Eu tinha um mês de casado.

Jornalista: Dona Marisa cobrava, então?

Presidente: Ela nem cobrava, porque com um mês de casados a gente ainda... a pessoa atura tudo. Mas, então, é isso, então eu fiquei muito... eu fiquei... Sabe, aquela matéria, aquela matéria era aquele negócio de tentar desconstruir o Lula: “Vamos tentar desconstruir. Ele fala palavras em português errado, ele não sabe se comportar direito, ele não sabe se comportar, ele não come com a mão esquerda, vamos tentar desconstruir”.

Jornalista: Está ligado àquele preconceito do qual o senhor falou.

Presidente: Isso, para mim, olha... Para mim... O que vale para mim é o



seguinte: vamos abrir a boca e conversar com o povo, vamos ouvir o que o povo entende mais, se sou eu ou se são eles. Vamos na porta de uma fábrica, às 5 horas da manhã, conversar com a peãozada, vamos ver quem a peãozada entende mais: eu ou eles. E, aí, (incompreensível).

Jornalista: E falando em conversar com o povo, eu queria falar de um lugar que o senhor ama. Eu tenho certeza de que esse lugar que a gente vai falar agora, o senhor ama: o Lula dos palanques. Presidente, há quem diga que o palanque está na sua veia, está na sua alma, que o senhor nunca desceu de lá, porque o que senhor gosta é disso: é de falar, é de defender uma causa, é de falar com o povo. É isso mesmo? E emendando a segunda pergunta: subir ao palanque pela Dilma e elegê-la é um trunfo pessoal do senhor, uma vitória pessoal?

Presidente: Olha, primeiro é importante lembrar que eu aprendi a falar em palanque depois que eu fui eleito presidente do Sindicato, porque antes eu tinha vergonha. Só para você ter ideia: só o fato de anunciarem o meu nome em uma assembleia, eu tremia as pernas. Quando eu fui fazer o meu discurso de posse em 1975, lá em São Bernardo do Campo, eu fui ler um texto, eu não conseguia ler, de tanto que eu tremia. Um jornalista importante que você deve ter conhecido, Júlio de Grammont foi fazer uma entrevista comigo pela TV Cultura, se não me falha a memória, e quando ele fez a pergunta, eu estava em pé, a minha perna começou a tremer tanto que eu tive que sentar. Então, eu fui aprendendo a falar para sobreviver. E gosto, gosto, gosto, gosto muito de falar com o povo, gosto muito de conversar com o povo, gosto muito de contar “causo”, gosto muito de ouvir.

Jornalista: E considera a eleição da Dilma uma vitória pessoal?



Presidente: Eu acho que a eleição da Dilma, a eleição da Dilma, ela foi, primeiro, uma vitória dos méritos da Dilma. Se ela não tivesse méritos, ela não teria chegado lá. Agora, obviamente que é uma conjunção de coisas boas. Quando eu apresentei a Dilma, muita gente, mesmo as próximas de mim, achava brincadeira que eu estivesse lançando a Dilma candidata a presidente: “Essa mulher nunca participou de partido, essa mulher nunca foi candidata a nada, como é que essa mulher vai...”? Tinha companheiro que falava assim: “Ah, o Lula está brincando”. Eu falava: A Dilma vai ser a nossa candidata, é o que a gente tem de melhor, é o que está mais preparado, é o que melhor conhece o Brasil, e tem a vantagem de ser mulher, além de toda a competência, tem a vantagem de ser mulher. E está aí, a Dilma eleita presidente da República. Eu acho que a gente deve isso ao governo, deve isso aos méritos dela, deve isso à confiança que o povo tem em mim, deve isso aos partidos aliados, mas, sobretudo, deve isso à abertura de cabeça que teve a maioria do povo brasileiro, que não se deixou levar pela propaganda preconceituosa dos adversários.

Jornalista: Presidente, nós falamos de seis temas. Eu sei que o senhor tem que sair, os assessores estão aqui já mostrando o relógio, porque o senhor tem compromisso. Os dois últimos, na minha opinião, são os melhores: é o Lula que não tem medo de se emocionar, e o Lula que agora tem que se despedir. Se o senhor me permitir a gente ter essa conversinha final dentro do avião, eu ia achar melhor o senhor ir embora agora, porque eu estou preocupada de te atrapalhar.

Presidente: Nós podemos ter, no avião.

Jornalista: Como o senhor preferir. Se o senhor quiser que eu continue agora, é porque eu estou um pouco preocupada de ficar segurando o senhor. Ou,



então, se o senhor puder, mais um tempinho no avião...

Presidente: Como é que está o tempo?

_____ : Tá, já estamos um pouquinho atrasados.

Presidente: Tá, então é o seguinte...

Jornalista: A gente fala um pouquinho da emoção lá dentro. Na hora que o senhor liberar a gente, a nossa entrada, a gente fala lá. Eu queria mais uma vez te agradecer. Mas eu vou agradecer no final, ainda, está bom? Deixa eu tirar o microfone, para o senhor não...

Presidente: Eu vou sair correndo, aqui...

Jornalista: Eu sei. Obrigada, Presidente.

Presidente: Tchau.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31DHJLQ)